

Amanda Maria Ramos Lopes

**A RELAÇÃO DAS TORCEDORAS DO CLUBE ATLÉTICO  
MINEIRO COM O CLUBE E COM A ARENA INDEPENDÊNCIA**

Belo Horizonte

Universidade Federal de Minas Gerais

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

2018

Amanda Maria Ramos Lopes

**A RELAÇÃO DAS TORCEDORAS DO CLUBE ATLÉTICO MINEIRO COM O  
CLUBE E COM A ARENA INDEPENDÊNCIA**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva

Co-orientadora: Marie Luce Tavares

Belo Horizonte

Universidade Federal de Minas Gerais

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

2018

Dedico este trabalho aos meus pais que sempre me apoiaram em todas as escolhas, inclusive com o curso, ao João e a todas as torcedoras do Atlético Mineiro.

## **AGRADECIMENTOS**

Finalizo esse trabalho orgulhosa de seu resultado e extremamente grata com tudo que aprendi durante sua execução. Agradeço de coração ao meu orientador Sílvio Ricardo da Silva por todo incentivo e apoio, à minha co-orientadora Marie Luce Tavares por todos os conselhos, paciência e espero que nossa parceria seja duradoura para muito além desse estudo. Por fim, agradeço a todas as torcedoras participantes da minha pesquisa por terem me ajudado tanto e que assim como eu, torcem para que o nosso Galo seja cada vez mais CAMpeão.

## RESUMO

O futebol é um fenômeno importante para a cultura brasileira e por isso, é uma das opções de lazer mais procuradas pela população. Mesmo com esse destaque, o futebol está repleto de preconceitos e discriminações como a de gênero, o que é visivelmente reflexo da própria sociedade. Com base nisso, o objetivo deste estudo foi analisar a relação das torcedoras do Clube Atlético Mineiro com o clube e com a Arena Independência. Para isso, buscou-se traçar um perfil socioeconômico dessa torcedora e tentou descobrir quais as dificuldades ela encontra no contexto futebolístico por meio de dois questionários aplicados com 32 torcedoras na Arena Independência em três dias de jogos do Atlético. O primeiro formulário consistia em perguntas de múltipla escolha para traçar esse perfil enquanto o segundo era composto de cinco perguntas abertas acerca de como é ser torcedora desse clube e frequentar os jogos na arena. A pesquisa foi semiestruturada sendo a primeira parte do formulário caracterizada como quantitativa e a segunda com o questionário aberto qualitativa. Os dados encontrados no formulário socioeconômico concluíram que as torcedoras, na verdade, fazem parte de uma elite privilegiada da população, o que não correspondeu com popularidade do fenômeno futebol e discorda de alguns estereótipos apontados por autores. Entre os resultados obtidos no segundo questionário, destaca-se que as mulheres apontaram assédio, preconceito, machismo e violência como fatores dificultadores ou limitantes de sua atuação como torcedora, reforçando a presença da discriminação de gênero no cenário masculino do futebol. Também vale ressaltar que há uma insatisfação das torcedoras com a Arena Independência, principalmente em sua estrutura. Portanto, conclui-se que a relação dessas torcedoras com o clube é muito intensa e duradoura, mas que o preconceito é um gerador de insegurança ao manifestar a sua torcida, por isso o torcer por um time de futebol é uma opção de lazer que se manifesta com graus de liberdade diferentes entre homens e mulheres.

**Palavras Chave:** Futebol. Lazer. Mulher. Torcedora.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 . Distribuição regional de Belo Horizonte .....	21
Gráfico 1 . Distribuição das moradias por região das voluntárias.....	21
Gráfico 2 . Renda salarial mensal (em salários mínimos) .....	23
Gráfico 3 . Estado Civil.....	24
Gráfico 4. Porque torcem pelo Atlético.....	26
Gráfico 5. Se a Arena Independência é adequada.....	28

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 . Faixa etária das participantes.....	22
Tabela 2 . Cor das participantes .....	24
Tabela 3 . Limites e dificuldades .....	27

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	<b>11</b>
2.1	O fenômeno futebol .....	11
2.2	O futebol, o Clube Atlético Mineiro e a Arena Independência .....	12
2.3	O futebol e o lazer.....	14
2.4	A questão de gênero no futebol.....	15
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>18</b>
<b>4</b>	<b>APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS</b> .....	<b>20</b>
4.1	Resultados referentes ao formulário socioeconômico.....	20
4.2	Resultados referentes ao questionário .....	24
<b>5</b>	<b>ANÁLISE E DISCUSSÃO</b> .....	<b>28</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>33</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>35</b>
	<b>APÊNDICES</b> .....	<b>38</b>
	APÊNDICE A .....	38
	APÊNDICE B.....	40
	APÊNDICE C.....	41

## 1 INTRODUÇÃO

O futebol é responsável por gerar diversas possibilidades de lazer, seja por meio da prática, das torcidas ou até mesmo dos assuntos relacionados com esse tema que permeiam pelo menos durante uma semana pós-jogo nas conversas do povo. Quando se trata das torcidas, segundo Aquino (2017), o futebol proporciona aos torcedores a experiência da vitória e do êxito e, conforme DaMatta (1994) no Brasil, ele é um instrumento privilegiado de dramatização de muitos aspectos da sociedade brasileira, isso porque ele fornece um sentimento de identidade com o brasileiros, elemento crucial na busca de atividades de lazer.

Ao se pensar em tudo que o futebol brasileiro representa para a sociedade, e sabendo que essa sociedade está coberta de preconceitos e desigualdades, surgiu o interesse de saber como a desigualdade de gênero pode apresentar limitações para a mulher torcer por um time de futebol como forma de lazer. Afinal, historicamente o futebol era caracterizado como um esporte para machos, o que me leva a crer que o contexto futebolístico acentua a desigualdade já presente no dia a dia das mulheres.

Essas temáticas vinculadas deram origem a este estudo que objetiva analisar como é a relação das mulheres torcedoras do Clube Atlético Mineiro com o seu clube e com a Arena Independência, estádio onde esse time joga como mandante da partida. A fim de alcançar esse objetivo principal, buscou-se saber o perfil da torcedora atleticana, questionar o porquê delas frequentarem a Arena e, principalmente, tentar compreender as dificuldades que essas torcedoras enfrentam no amplo contexto do futebol, especificamente, nos jogos do Atlético na Arena.

A iniciativa de realizar essa análise surgiu a partir da minha experiência pessoal enquanto torcedora do Clube Atlético Mineiro e frequentadora da arena em dias de jogos. Por vivenciar o ambiente e estar inserida no contexto da pesquisa, também encontro dificuldades e tensões durante as partidas decorrentes do fato de a sociedade ser machista e o ambiente futebol terem mais homens que mulheres. Isso para mim causa constrangimento por meio de olhares e intimidações, insegurança de expressar minhas opiniões e limita a minha forma de torcer. Além disso, como

ressaltado por Campos(2010), no campo acadêmico, ainda são poucos os trabalhos que investigam a presença ou ausência das mulheres no esporte, principalmente no contexto do futebol.

Ademais, os torcedores que vão ao estádio, vão para torcer pelo time que os representa e acreditam que aqueles jogadores em campo também os representam durante a partida. Nesse sentido, essa análise é relevante para os torcedores e políticas dos clubes brasileiros, que muitas vezes não enxergam a influência do futebol na vida de cada torcedor. Ainda assim, a pesquisa é importante para a BWA Arena, empresa privada responsável pela Arena Independência e para as políticas públicas com enfoque nos torcedores; visando melhorar e aproximar as torcedoras do clube, do futebol e da arena.

Esse estudo também é relevante para o campo do lazer, já que segundo Gomes (2014), o lazer constitui uma prática social complexa que abarca uma multiplicidade de vivências culturais. E diante das contribuições de Stebbins (2012), as pessoas buscam atividades com a qual se identificam e que essa escolha é influenciada diretamente pela construção cultural do sujeito. Tendo em vista que o futebol é um elemento crucial da cultura brasileira, ele é também uma das atividades de lazer mais procuradas.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 O fenômeno futebol

O futebol é um esporte coletivo de origem inglesa, muito praticado e disseminado no mundo inteiro e que, de acordo com Luccas (1998), chegou ao Brasil no final do século XIX com um caráter elitista e racista, e aos poucos foi se popularizando. Entretanto, conforme DaMatta (1994), a relação do brasileiro com o futebol é tão profunda e produtiva, que muitos brasileiros se esquecem de que ele foi inventado na Inglaterra.

Segundo Mascarenhas (2014), o futebol chegou ao Brasil com traços higienistas e era mais adequado aos jovens da elite. Seu processo de popularização iniciou a partir de 1940 com a construção do Pacaembu, o primeiro estádio estatal que comportava o crescente afluxo. Ainda de acordo com Mascarenhas (2014), o regime militar pós-64 foi protagonista nesse processo, pois serviu como incentivador da proliferação de grandes arenas e subsidiou os preços dos ingressos nos setores populares para garantir grande afluência do público nos estádios. Por isso, a década de 60 foi essencial para estruturação e multiplicação das torcidas organizadas.

Além disso, o futebol é um fenômeno social e cultural que, segundo Mendes (2015), pode ser considerado um ponto unificador da nação. Mendes (2015) também afirma que ele é uma construção sócia histórica que não está dissociada dos desdobramentos da vida política, econômica e cultural do país, expressando muitas vezes aspectos importantes destes outros âmbitos da vida. Nesse sentido, entende-se que ao chegar ao Brasil, o futebol possuía características como já citadas, elitista, racista e com traços higienistas, em um período governado pela República das Oligarquias. Por outro lado esse processo de popularização se deu na Era Vargas, governo consideravelmente (para a época) populista.

Pensando no futebol como esse fenômeno social e cultural, ele também se torna produto da transformação dos indivíduos e das sociedades ao longo do tempo+ (LAGES e SILVA, 2012, p.5). Isso significa que ele sofreu e ainda sofre

modificações com base no contexto em que é praticado, justificando a influência política, por exemplo.

No futebol brasileiro, a mesma coisa acontece dentro desse processo de popularização e pode ser ressaltada pelo comportamento das torcidas brasileiras. O futebol, enquanto possibilidade de lazer, não ocorre somente dentro das quatro linhas (...), no âmbito de festa, do encontro, das redes de sociabilidade, nas arquibancadas uma grande quantidade de pessoas contribui para realização e a beleza desse espetáculo esportivo+ (CAMPOS, 2010, p.5). Muito dessa influência exercida pelo futebol na vida dos brasileiros é explicada por Mendes (2015) ao afirmar que as torcidas brasileiras enxergam o esporte como algo que não pode ser considerado natural e sim, fruto de uma relação histórica e social.

Esse desenvolvimento se comprovou com o surgimento das torcidas organizadas, que de acordo com Silva (2012), eram identificadas pelos uniformes, pelas festas e principalmente, pela autonomia perante o clube. Essa autonomia é fundamental para explicar a influência dessas organizações nas decisões das diretorias dos clubes. Isso exemplifica a dimensão dessas torcidas e a importância que o clube possui na vida de cada torcedor. As torcidas, portanto, sofrem modificações, assim como o futebol, exercendo uma inter-relação entre time, torcida e contexto.

Atualmente, os times que disputam a série A do Campeonato Brasileiro, por ser um campeonato reconhecido pelo nivelamento, são times historicamente competitivos e foram integrantes da construção do fenômeno futebol no Brasil, bem como do desenvolvimento dos torcedores.

## **2.2 O futebol, o Clube Atlético Mineiro e a Arena Independência**

O Clube Atlético Mineiro é um time de futebol brasileiro que foi fruto do processo histórico do futebol no Brasil. De acordo com Oliveira (2013), ele foi fundado em 25 de março de 1908 por um grupo de estudantes que se reuniram no Parque Municipal em Belo Horizonte com um caráter mais popular e com isso, foi fundamental para a popularização do futebol em Minas Gerais. Esse processo se

deu a partir do pioneirismo do Clube Atlético Mineiro e seu crescimento foi consequência do crescimento da recém-construída capital.

O Clube Atlético Mineiro disputa, hoje, a série A do Campeonato Brasileiro e assim como outros clubes, possui uma torcida considerada presente, inclusive com torcidas organizadas. Segundo Ladeira (2009), a torcida atleticana já foi reconhecida internacionalmente pela ESPN internacional, em 2006, como *os* melhores torcedores do Brasil, por abraçarem o clube com uma média de público de 32 mil pessoas por jogo, para voltar à primeira divisão após um tropeço. A torcida organizada denominada *Galoucura* apresenta as características apontadas por Silva (2012) e sua autonomia perante o clube atingiu patamares em que a TOG e o clube precisam realizar acordos para alcançarem estabilidade.

O Atlético Mineiro, dos últimos anos até 2010 jogava quase todos os seus jogos como mandante no estádio Governador Magalhães Pinto, conhecido popularmente como Mineirão, mas o mesmo teve de ser reformado para sediar jogos da Copa do Mundo de 2014, portanto o então presidente do Atlético, Alexandre Kalil, negociou com a Arena Independência, também recém-reformada e que anteriormente se chamava estádio Raimundo Sampaio, para jogar seus jogos. A arena, segundo Schetino (2015) foi construída por ocasião da Copa do Mundo de 1950 e esse acontecimento serviu para a consolidação de Belo Horizonte como uma das capitais mais importantes do país.

Essa parceria, de acordo com Aquino (2014), rendeu bons resultados para o Atlético, resultando em diversos títulos e pode-se dizer que a participação da torcida foi decisiva para essa campanha. Segundo o estudo de Aquino (2014), a torcida atleticana adquiriu uma identidade associada a um sentimento de valorização pelo estádio Independência, assim o torcedor apropriou-se do novo espaço.

Esse sentimento de identidade é o que fazem os torcedores saírem do conforto de suas casas para torcerem pelo seu clube, muitas vezes em estádios lotados, já que, diante das contribuições de Stebbins (2012), as pessoas buscam atividades de lazer com as quais se identifiquem. Por isso, Aquino (2017) entendeu que torcer por

um time de futebol é uma prática de lazer sério para os indivíduos que possuem um alto nível de identificação com o clube.

### **2.3 O futebol e o lazer**

O lazer foi definido por Dumazedier (1976), como um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar-se, divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais. Entretanto a relação do futebol com o lazer se aproxima mais com a definição de Gomes (2014), ao incluir que jogos, assim como músicas, conversações e outras experiências de sociabilidade podem assumir feições de lazeres que tem significados e sentidos singulares para os sujeitos.

Diante dessas e outras concepções de lazer, Lages e Silva (2012), realizaram um estudo afirmando que o lazer então, consistiria em um espaço para o desenvolvimento de várias manifestações culturais, ou seja, o futebol como uma manifestação cultural da sociedade em que ele é praticado, possibilita diversas formas de lazer. Para os autores, o lazer é composto de três dimensões: o tempo, a atitude e a cultura. Lages e Silva concluem que a relação com as emoções criadas ao assistir uma partida de futebol, a estética da partida, a busca pela beleza, assistir a uma partida de futebol com o status de espetáculo, podem sim ser consideradas possibilidades de lazer+(LAGES E SILVA, 2012, p.3 e 4).

Em 2007, Escher realizou um estudo afirmando que o lazer está cada vez mais virtualizado e mercantilizado, assim ele se torna excludente e evidencia as desigualdades que essa sociedade. Dessa forma, o lazer se tornou uma mercadoria. Ao pensar no futebol como forma de lazer, Escher (2007) associou equipamentos como o pay per view, para assistir na televisão, o aplicativo para ver online no celular, os ingressos do jogo e os acordos entre as transmissoras de TV que aumentam a cada ano, mas que também excluem uma parcela da população que por mais que goste e identifique com o futebol, não tem acesso adequado a esse universo.

Portanto, diante das contribuições de Silva, Neto e Campos (2011), entre as várias vivências cotidianas entendidas como lazer, o futebol possui grande destaque. Entretanto, de acordo com Campos (2010), mesmo o lazer sendo um direito constitucional, algumas são as barreiras para sua vivência como as relações de gênero. Sendo o futebol um fenômeno histórico e cultural que representa a sociedade, e que conforme constatado por Escher (2007), evidencia as desigualdades, tive interesse de investigar como torcer por um time de futebol é viabilizado como forma de lazer para as mulheres, que são uma parte da população consideravelmente alta e que sofre com o preconceito de gênero.

#### **2.4 A questão de gênero no futebol**

Uma das expressões que se pode inferir sobre a cultura brasileira a partir do futebol, é a desigualdade de gênero. Segundo Teixeira e Silva (2018), a inserção do futebol masculino nas Olimpíadas ocorreu em 1900, enquanto a modalidade feminina apenas em 1996, já na Copa do Mundo, a competição feminina foi criada em 1991 e a masculina em 1930. Esses números exemplificam historicamente uma desigualdade no processo de emersão da modalidade feminina.

A dificuldade de integração tanto do futebol feminino, quanto da torcedora feminina, segundo Teixeira e Silva (2018) é vinculada a imagem da mulher como um ideal de beleza que está muito ligado à fragilidade e ter graciosidade o que difere a característica fervorosa e agressiva da figura do homem. Essa figura no futebol está relacionada com as características exigidas pelo jogador ou torcedor enfatizadas por Goellner (2005), como o suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, a liberdade de movimentos, a rivalidade consentida que podem ser consideradas práticas que abrandariam os limites do ser feminino ideal. Dessa forma, Campos (2010) afirmou que o futebol é um dos responsáveis por difundir e confirmar o ethos masculino.

Na verdade, é no contexto do futebol que o preconceito de gênero se torna ainda mais visível, pois, de acordo com Moraes e Bonfim (2016), ele é uma área

majoritariamente masculina, em que a presença feminina ainda causa estranhismo das outras pessoas gerando estereótipos com a ideia de que se a mulher se interessa por futebol ou é %Maria-chuteira+ (expressão utilizada para mulheres que gostam da modalidade porque se interessam pelos homens envolvidos) ou %Mulher-macho+ (também conhecida como %Maria-homem+ que representa a mulher com características ditas masculinas e que muitas vezes se infere a sexualidade da mulher). O segundo exemplo contradiz a imagem da mulher apontada por Teixeira e Silva em 2018, e por isso, Goellner (2005) afirmou que o envolvimento da mulher com o futebol começou a ser visto na década de 40, como algo prejudicial ao corpo feminino por razões muito além das lesões físicas, pois acreditava-se que a prática do futebol poderia masculinizar as praticantes, seu comportamento e sua aparência.

Em ambos os rótulos, torna-se claro o vínculo do esporte com o sexo masculino. Isso também se deve ao fato de o futebol estar intimamente relacionado com masculinidades, portanto segundo Mendes (2016), a violência contra a mulher no ambiente do futebol se torna um alibi, um ambiente em que o preconceito e a discriminação são de certa forma, legitimados.

Felizmente, mesmo diante desse cenário, Moraes e Bonfim (2016) afirmam que é visivelmente crescente o número de mulheres frequentadoras de estádios. Também é dito por Costa (2007), que determinados fenômenos como a crescente participação do público feminino nas torcidas organizadas, ou a criação de plataformas virtuais criadas por mulheres para enfatizarem seu amor por seu time, apontam uma crescente incorporação da mulher na esfera de torcedora de futebol.

Entretanto, de acordo com Campos (2010), o conhecimento sobre essas torcedoras é limitado. Quem são essas mulheres, quais suas características socioeconômicas, porque elas frequentam o estádio, qual sua relação com o time e como elas torcem são perguntas que precisam ser aprofundadas e respondidas. Vale ressaltar que as mulheres não entram como um grupo separado nas estatísticas do clube, pois elas englobam todos os torcedores que são em sua maioria, homens.

Portanto, segundo Mendes (2016), o futebol é um fenômeno que ajuda a compreender a realidade social brasileira presente que ainda é racista, machista, homofóbica, heteronormativa, elitista, entre outras características. Assim, essas mulheres que confrontam os paradigmas as do universo masculino e que procuram inserir-se no cenário futebolístico trazem uma mudança do público envolvido e deveriam promover uma mudança de comportamento na sociedade, o que não é refletido na sociedade brasileira até então. Dessa forma, segundo Goellner (2005) apesar de todos os avanços, o futebol ainda é, para as mulheres, um espaço a ser conquistado e ressignificado.

### 3 METODOLOGIA

A pesquisa, de acordo com as definições de Gil (2010), foi classificada como um levantamento descritivo, pois possui o contato direto com a amostra e promove um maior conhecimento da realidade. Ela é definida como uma pesquisa semiestruturada, afinal segundo Ludke e André (1986), esse tipo de pesquisa permite a amostra responder perguntas diretas e se aprofundarem para responder outras. Por isso, a pesquisa foi dividida em duas partes, já que ao mesmo tempo em que ela busca saber um perfil social definido das torcedoras, ela também analisa suas relações com o clube e a arena de forma mais subjetiva. Portanto uma parte é caracterizada como quantitativa e outra como qualitativa.

Na parte classificada como quantitativa, foi utilizado um formulário com perguntas de múltipla escolha, onde as mulheres tiveram apenas que marcar onde elas mais se identificavam (APÊNDICE A). Já na parte qualitativa, foram aplicados questionários a fim de responder o problema da pesquisa, possibilitando realizar a análise principal. Ela foi composta de cinco perguntas abertas e subjetivas que deram maior liberdade para a torcedora (APÊNDICE B).

A amostra foi composta de 32 mulheres, maiores de 18 anos, torcedoras do Clube Atlético Mineiro. A pesquisa foi realizada dentro da Arena Independência, em três dias de jogos do campeonato brasileiro em que o Atlético Mineiro era o mandante da partida. Foram eles, Atlético (2) e Paraná (0) correspondente a 15ª rodada do campeonato no dia 25 de julho, Atlético (3) e Santos (1) no dia 12 de agosto pela 18ª rodada e Atlético (0) e Vasco (0) pela 20ª rodada no dia 23 de agosto. Foram cinco, nove e dezoito participantes, respectivamente por jogo. Anteriormente aos instrumentos de pesquisa, foi entregue a cada uma das entrevistadas um termo de consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE C) de participação na pesquisa. O termo e os questionários foram elaborados por mim. A abordagem as mulheres foi realizada apresentando a pesquisa e mostrando o termo e os questionários. Apenas duas mulheres recusaram a participar.

Os dados da parte quantitativa foram analisados de forma mais simples e rápida, por meio de gráficos e tabelas buscando traçar um perfil social da amostra. Enquanto os dados da parte qualitativa são mais complexos para compreender

resposta por resposta de cada pergunta do questionário, interpretar os comportamentos e opiniões do público, além de, segundo Flick (2004), permitir o reconhecimento e a análise de diferentes perspectivas. Nessa parte, é onde se buscou atingir os objetivos da pesquisa, respondendo quais as relações da torcedora do Clube Atlético Mineiro com o clube e com a Arena Independência.

## 4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

### 4.1 Resultados referentes ao formulário socioeconômico

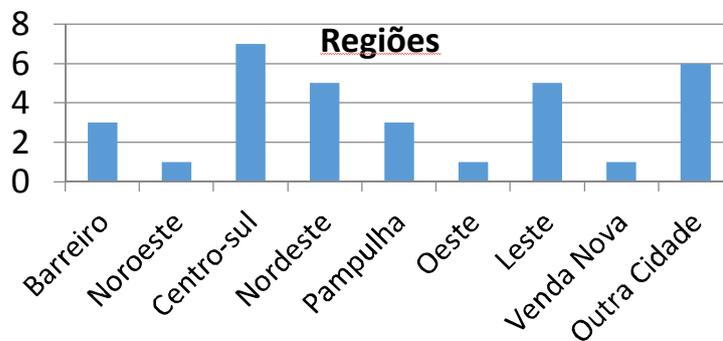
Nesse formulário, foram questionados alguns pontos relevantes para esse perfil sócio-econômico. Entre eles, a região onde as participantes moram na cidade de Belo Horizonte com base no mapa da Figura 1 elaborado pela prefeitura. Para essa análise, vale ressaltar que a Arena Independência está localizada na região leste.

**Figura 1-** Distribuição regional de Belo Horizonte



Fonte: <[www.pbh.gov.br](http://www.pbh.gov.br)>

**Gráfico 1 -** Distribuição das moradias por região das voluntárias:



Fonte: Criado pela autora.

. Constata-se que, entre as torcedoras que moram na cidade de Belo Horizonte, a região Centro-Sul é a que possui a maior concentração delas (7), seguida pelas regiões Leste e Nordeste (5 cada). Isso significa que mais da metade (17) das torcedoras da coleta moram nessas regiões, consideravelmente mais próximas a Arena Independência. Outro dado interessante é que 6 mulheres integrantes das 32 totais da amostra moram em outra cidade, o que corresponde a um número alto entre as participantes.

No que diz respeito à faixa etária das voluntárias, observou-se que há uma variedade nesses dados das participantes. Entretanto, uma grande maioria das voluntárias (17) se enquadraram no intervalo entre 18 e 29 anos. Como visualizado na Tabela 1:

**Tabela 1- Faixa etária das participantes**

Faixa etária em anos	%
18 a 29	53,13
30 a 39	28,13
40 a 49	6,25
50 a 59	9,37
acima de 60	3,12

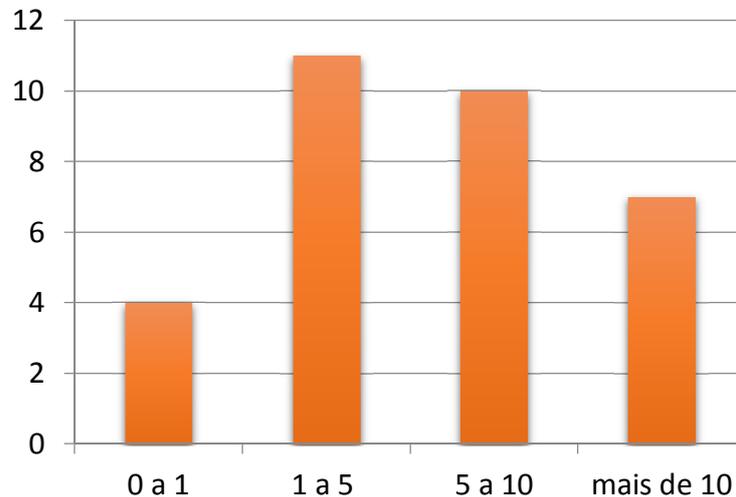
Fonte: Criado pela autora (2018)

Ao verificar o nível de escolaridade das torcedoras, percebeu-se que 94% das voluntárias concluíram o Ensino Médio. Sendo que 22% correspondem a Pós-Graduação, outros 22% possuem Ensino Superior Completo, 34% estão no processo do curso Superior e apenas 6% possuem o Ensino Fundamental Incompleto, o que se refere a um grupo bem distante das outras participantes.

Outro ponto relevante para traçar o perfil da torcedora atleticana que frequenta a Arena Independência é a renda média salarial do grupo familiar em que

ela está inserida, em salários mínimos. Essa variável está representada no Gráfico 2:

**Gráfico 2** - Renda salarial mensal(em salários mínimos)



Fonte: Criado pela autora (2018)

Os resultados variaram conforme os intervalos de 0 a 1 salário mínimo, 1 a 5, 5 a 10 e mais de 10. Observou-se que mais da metade das torcedoras (17) possui renda salarial mensal maior que 5 salários mínimos e que comparando com a realidade brasileira atual, essa torcedora faz parte de uma elite privilegiada. Entretanto, a variabilidade de resultados foi alta, o que dificulta as conclusões relacionadas a esse item.

Com base na cor das participantes, foi verificado na Tabela 2 que 48% delas se consideram brancas e que 43% se consideram pardas. Apenas 9% entre todas as voluntárias se consideram pretas. Outras cores como amarelo (oriental) e indígena também eram opções no formulário, porém nenhuma das mulheres marcou essas opções.

**Tabela 2 - Cor das participantes**

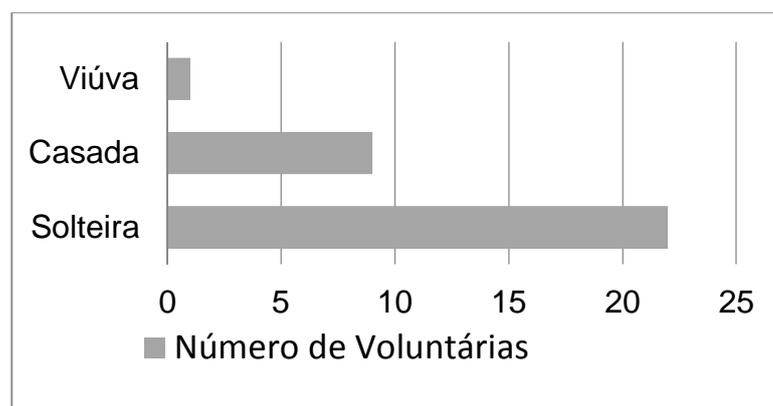
Cor	%
Branco	48
Pardo	43
Preto	9

Fonte: Criado pela autora (2018)

Essa informação da pesquisa sobre a cor corrobora com os dados trazidos pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad- contínua) realizada pelo IBGE no ano de 2016, que revelou que no Brasil, aproximadamente 47% da população se considera parda e 44% se considera branca. Sendo que na região Sudeste, 52% diz ser branca e 37,6% parda. Deve ser enfatizado que nesse tipo de pesquisa cada pessoa deve marcar a cor da pele que ela acredita ter ou o grupo que ela acredita estar inserida independente de outras opiniões.

Com relação à orientação sexual das torcedoras, verificou-se que apenas duas entre as 32 totais se disseram homossexuais. Nenhuma marcou a opção bissexual, as outras 30 marcaram ser heterossexual.

No que se refere ao estado civil dessas mulheres, apresentou-se os dados no Gráfico 3:

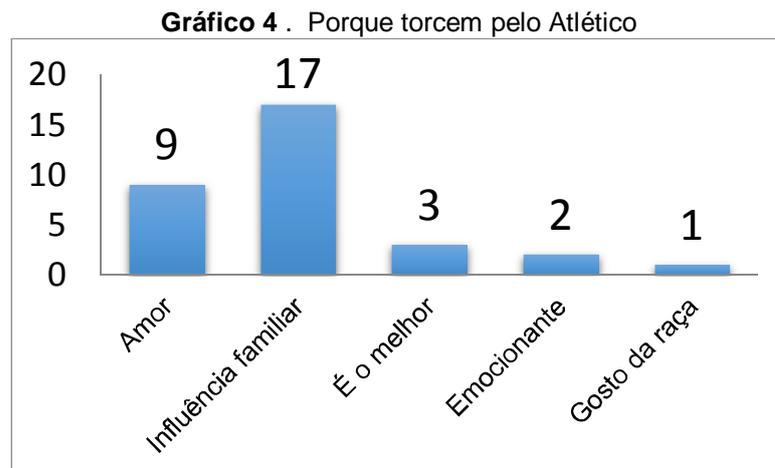
**Gráfico 3 - Estado civil**

Fonte: Criado pela autora (2018)

Os resultados apontam que entre o total de 32 voluntárias, 22 eram solteiras, nove casadas e apenas uma viúva, nenhuma divorciada ou outra possível resposta. Além disso, 78% das mulheres disseram não ter filhos.

#### 4.2 Resultados referentes ao questionário

Para conferir os resultados do questionário principal correspondente a segunda parte da coleta, foi realizada uma categorização com as respostas mais repetidas em cada uma das cinco perguntas abertas. A primeira pergunta se referia ao porquê das participantes torcerem para o Clube Atlético Mineiro, os resultados estão exemplificados no Gráfico 4:



Fonte: Criado pela autora (2018)

Foram encontrados que a maioria das torcedoras participantes (17) torce pelo Clube Atlético Mineiro devido à influência familiar, sendo que seis delas especificaram que essa influência é por parte de pai e outras três citaram o marido, apenas uma especificou que sua mãe é a maior influência, as outras não deram detalhes. Também se observou que nove das 32 participantes apontaram que a razão pela qual torcem pelo Atlético é amor, três alegaram que ele é o melhor time, duas gostam da emoção que o clube traz durante os jogos e uma citou a raça como principal razão para sua torcida.

Em relação ao tempo em que as voluntárias torcem pelo clube, 87,5% delas alegaram serem atleticanas desde sempre ou desde a infância, 9% desde o casamento e apenas 3% não se lembravam. Os números comprovam a fidelidade das torcedoras entrevistadas ao clube.

A terceira pergunta questionava a frequência com que as voluntárias vão aos jogos na Arena Independência. Nessa questão, as respostas variaram principalmente em relação ao termo utilizado ao se referir à frequência. Nove, entre as 32 participantes, responderam que ela era alta, sempre ou em todo jogo, dez disseram pouca ou muito pouca. Três mulheres estavam assistindo um jogo na Arena pela primeira vez na vida e as outras 10 responderam às vezes, média, uma vez por mês.

Já a quarta pergunta do questionário deixava a voluntária livre para escrever quais são os limites e dificuldades encontrados por ela no contexto do futebol, seja nos estádios ou simplesmente numa discussão sobre os jogos em qualquer outro lugar. Essa pergunta fez com que muitas mulheres precisassem de um tempo maior para respondê-las. Alguns termos foram comuns entre muitas respostas e isso pode ser evidenciado na Tabela 3 abaixo:

**Tabela 3 - Limites e dificuldades**

Limites e dificuldades no contexto do futebol	Nº de repetições dos termos
Respeito com a opinião feminina	4
Machismo	5
Assédio	6
Fanatismo	3
Violência geral ou entre torcidas	11
Preconceito	5
Preço dos ingressos	2
Muito lotado	2
Assaltos/roubos	4
Não vê dificuldades	1

Fonte: Criado pela autora (2018)

Levando em consideração que tanto o assédio, o machismo, o preconceito e respeito com a opinião feminina são respostas que discutem a questão de gênero,

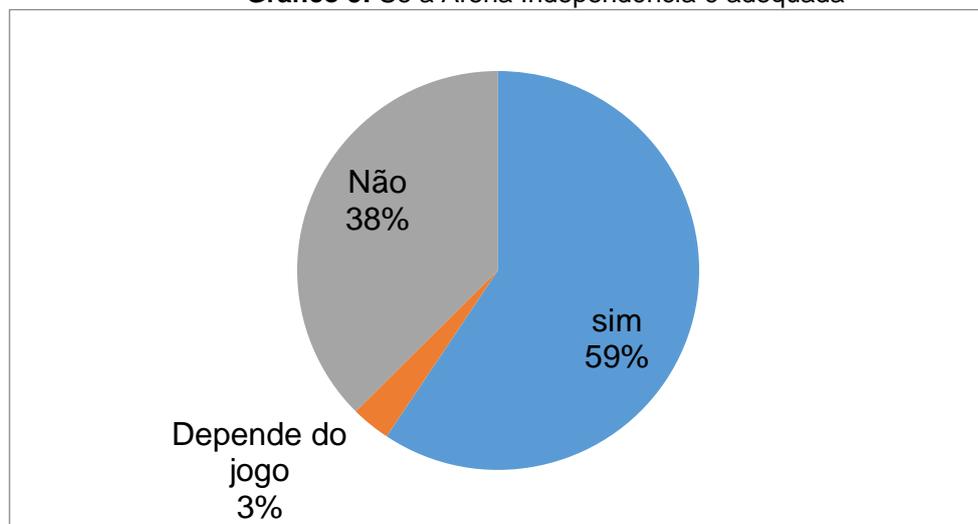
foi observado que essa questão foi citada 17 vezes em uma mesma pergunta. A violência, que é um assunto muito recorrente nas mídias, também não deve ser menosprezada, pois também se apresenta como uma dificuldade do futebol muito relevante visto que se repetiu 11 vezes, além das três vezes em que o fanatismo foi citado e que pode ser um fator desencadeador dessa violência. Ademais, foram citados assaltos e roubos quatro vezes o que também é considerado violência. Totalizando 18 participações desse quesito na pesquisa.

Vale ressaltar que o preço dos ingressos foi classificado pelas mulheres participantes como um limite de sua participação nas partidas, já que se repetiu em cinco respostas. Por outro lado, duas voluntárias indicaram que os jogos estarem superlotados pode ser considerado um limite.

Um fato interessante é que todas as 32 torcedoras responderam que sempre vão aos jogos acompanhadas. Quem as acompanha variou muito entre membros da família, cônjuge ou amigos e amigas. Em 17 respostas, as mulheres especificaram quem era essas suas companhias, 16 eram figuras masculinas e apenas uma ia acompanhada de sua mãe. As outras 15 contribuíram com respostas genéricas.

A última pergunta do questionário se tratava da relação das torcedoras com a Arena Independência. É possível visualizar no Gráfico 5 que 59% delas afirmaram que a Arena é adequada para sediar os jogos do Atlético, enquanto 38% a consideraram inadequada.

**Gráfico 5:** Se a Arena Independência é adequada



Fonte: Criado pela autora (2018)

Não era necessária uma justificativa nessa questão, entretanto dez mulheres optaram por justificar mesmo assim. Entre as 38% que responderam ~~nao~~, nove apontaram que a Arena Independência é pequena para o que o jogo exige. Muitas a compararam com o Estádio Governador Magalhães Pinto (Mineirão), e uma delas apontou que existem alguns locais na Arena que possuem visibilidade reduzida, atrapalhando o espetáculo. Uma das torcedoras que a considera adequada ressaltou a boa localização e acessibilidade da Arena.

## 5 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Para analisar os resultados apresentados, vale relembrar o objetivo do presente estudo. Este que consistia em descobrir e analisar como é a relação das mulheres torcedoras de um time de alto rendimento no Brasil, o Clube Atlético Mineiro, com o seu clube e com a Arena Independência.

Ao buscar traçar apenas um perfil geral da torcedora atleticana com base nos resultados da pesquisa, pode-se generalizar que ela é branca ou parda, solteira, sem filhos, heterossexual, moradora da região Centro-Sul de Belo Horizonte, sem idade específica e pertencente à classe média alta. Levando em consideração que a região Centro- Sul é a região com o maior IDH, a maior renda per capita da cidade e onde se localizam a maioria das atividades culturais e econômicas, pode-se inferir que essas torcedoras presentes no estádio são de certa forma pertencentes a uma elite socioeconômica.

Esse perfil da amostra questiona o estudo de Luccas (1998), que afirmou que o futebol chegou ao Brasil com caráter elitista, mas que com o tempo foi se popularizando, bem como o site oficial do Clube Atlético Mineiro apontou que o clube e sua torcida possuem características historicamente populistas. Sabe-se que o autor relacionou esse processo com o século XX, portanto pode se sugerir, como Mascarenhas (2014) apontou por meio de seu novo conceito dos grandes estádios, que atualmente, século XXI, possa estar ocorrendo um efeito contrário. Visto que essas características do perfil não correspondem com a maior parte da realidade brasileira, muito menos a uma camada mais popular e sim, representam uma elite privilegiada que frequenta os estádios. Esse processo contrário foi evidenciado por Escher em 2007, ao caracterizar o futebol como mercantilizado, excludente e capaz de enfatizar das desigualdades sociais.

A imensa maioria das torcedoras é heterossexual. Esse dado contrapõe o estereótipo citado por Moraes e Bonfim (2016) de que as mulheres interessadas por futebol são ~~“Mulher-macho”~~, visto que esse apelido infere que essa mulher seria homossexual. Em minha opinião, isso não passa de um rótulo para representar que futebol não seria esporte para mulheres, pois sempre tive interesse pela modalidade, sempre torci e sou heterossexual. Isso comprova que a crença constatada por

Goellner (2005) da sociedade brasileira na década de 40 de que o envolvimento da mulher com a modalidade seria capaz de atribuir características masculinas a ela persiste disfarçado por esses rótulos.

Esse dado também corrobora com os estudos de Mendes (2016), pois é um estereótipo gerado como consequência do estranhismo que a presença feminina causa no universo masculino do futebol. Com base nisso, podemos especular que o outro rótulo apontado por Moraes e Bonfim de *“Maria chuteira”*, também seja uma tentativa de mostrar que aquele espaço não é para mulheres.

Com base nos resultados referentes ao questionário, as torcedoras atleticanas pesquisadas possuem dois motivos principais para torcer pelo Clube Atlético Mineiro: o amor e a influência familiar. Esses resultados enfatizam como que no Brasil, a família está intimamente ligada com o universo do futebol, e que o *“torcer”* é realmente passado de geração em geração. Além disso, ao perceber que mais da metade das mulheres que especificaram um indivíduo na família como responsável pela influência, apontaram figuras masculinas, pode-se inferir que para elas os homens são referências quando se trata do tema futebol, isso reforça a diferença de gênero presente nesse contexto e corrobora com o estudo de Mendes (2016), que afirma que o futebol está coberto de masculinidades.

Já o amor como uma razão para torcer, concorda com Lages e Silva (2012), pois é reflexo dessas emoções que o futebol representa nos torcedores, sendo assim, justifica o destaque dado para a modalidade por Silva, Neto e Campos (2011) entre as vivências cotidianas, afinal poucas atividades de lazer despertam um sentimento como amor. Além disso, essa resposta exemplifica a relação exposta por Gomes (2014), pois o amor como razão para se torcer é o significado atribuído a essa forma de lazer pelas torcedoras.

Foi descoberto na pesquisa que a grande maioria das mulheres participantes apontou o assédio, o machismo, o preconceito e o desrespeito com a opinião feminina como fatores limitantes ou dificultadores de sua participação no contexto do futebol. Isso é uma demonstração de que as mulheres enxergam e sentem que são excluídas do contexto do futebol, que há uma diferença entre como elas podem se comportar no meio futebolístico e como homens se comportam na mesma situação.

Isso exemplifica o estudo de Mendes (2016) que constatou que o contexto do futebol é um ambiente em que o preconceito e a discriminação são considerados normais, porém a pesquisa comprovou que as mulheres notam, se incomodam e precisam falar sobre essas atitudes. Esse sentimento que o público feminino sente com o envolvimento no futebol comprova que mesmo com os avanços dos últimos anos, o espaço futebolístico ainda há de ser conquistado e ressignificado, como dito por Goellner (2005), afinal o futebol é um espaço social e libertador, mas que não atribui essas características quando se trata do público feminino.

Os resultados obtidos nessa pergunta fizeram-me identificar com diversas torcedoras, pois eu, a pesquisadora e também torcedora do Clube Atlético Mineiro, por vezes me sinto intimidada simplesmente ao discutir sobre o assunto futebol com homens. Uma sensação de que independente do que você tem conhecimento, pesquisa e interesse, você sempre saberá menos do que um homem, pois esse esporte não é para você. Essa sensação é que reflete o preconceito de gênero ainda existente na sociedade atual.

Outro resultado da pesquisa relevante é a insatisfação de uma parte considerável da amostra com os preços dos ingressos. Esse dado exemplifica a mercantilização do futebol apontada por Escher (2007) que o torna excludente. Talvez por isso as reclamações das torcedoras que vivenciam, com o aumento do preço dos ingressos, uma dificuldade extra de acompanhar seu clube. Essa informação também pode servir como um aviso ao Clube Atlético Mineiro de que a atual precificação elevada dos ingressos está distanciando a presença de muitos torcedores nos estádios. Até onde a presença dos torcedores em massa nos jogos é desejada é discutível, pois alguns anos atrás os ingressos eram fatalmente mais baratos e dentro dos próprios estádios havia um setor específico acessível e popularizado. O porquê dessa mudança também pode ser assunto de um possível novo estudo.

A pesquisa também evidencia uma insatisfação de parte da amostra com a Arena Independência, o que é contraditório com a identidade adquirida pela torcida atleticana com o estádio apontado no estudo de Aquino (2014), que de acordo com o autor era uma relação satisfatória para o torcedor. Pode-se especular que

enquanto o Atlético obtinha bons resultados na arena, os torcedores estavam satisfeitos, agora com resultados medianos e sem títulos de expressão nos últimos dois anos, a torcida compreendeu que o rendimento do time vai muito além do estádio.

Ademais, esses resultados e críticas são importantes contribuições para a BWA, empresa responsável pela Arena, tendo em vista que algumas das reclamações eram relacionadas à estrutura do local, como pouca visibilidade e capacidade para poucos torcedores, segundo a amostra. Vale ressaltar que o Clube Atlético Mineiro possui o projeto de construção de um novo estádio denominado Arena MRV, com capacidade para mais torcedores do que a Arena Independência. No planejamento, o término da construção está previsto para 2020.

Durante a execução da pesquisa, novas temáticas. Poderiam ser realizadas pesquisas que abrangessem mais torcedoras e de diferentes clubes, com objetivo de confirmar se Moraes e Bonfim (2016) e Costa (2007) estavam corretas ao afirmar que está havendo uma crescente participação do público feminino na esfera de torcedora de futebol. Afinal, caso esse fato se confirmasse, essas torcedoras poderiam se encorajar para adquirir o lugar real de torcedora e promover uma possível mudança de comportamento. Entretanto, vale lembrar que Mendes (2016) também afirmou que o futebol é reflexo da sociedade brasileira que é uma sociedade machista, entre outras características; portanto essa mudança seria uma mudança na sociedade como um todo, ou seja, um processo consideravelmente longo.

Ainda nesse âmbito, sendo essa mulher torcedora solteira e sem filhos, surge o interesse de descobrir porque as mulheres casadas ou com filhos não estão frequentando os estádios. Esse tema também seria relevante para a realização de novas pesquisas acerca das torcedoras brasileiras.

A pesquisa aprofundou meu olhar sobre a torcedora atleticana que tanto se parece comigo e despertou novos tópicos que valem ser temáticas de novas pesquisas. A metodologia empregada conseguiu ser eficaz, mas pode ser que se

fossem utilizadas entrevistas, no lugar de questionários, aumentaria o grau de liberdade da amostra em cada uma das respostas.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, procurou-se analisar neste estudo quem é a torcedora atleticana e compreender como se dá a relação dela com o Clube e com a Arena Independência. Considerando que ir ao estádio é uma das opções de lazer favoritas do brasileiro tendo em vista a grandeza do futebol como fenômeno no Brasil, pode-se dizer que torcer por um clube de futebol proporciona um espaço de sociabilidade muito além do próprio esporte. Por isso, preocupa-se se a desigualdade de gênero, presente na sociedade, também é vista no contexto do futebol e se seus efeitos impedem ou atrapalham a participação feminina.

Com base no referencial teórico utilizado na pesquisa, percebeu-se que, apesar das dificuldades, houve e está havendo um processo de inserção da mulher no futebol, tanto em âmbito da modalidade do futebol feminino, quanto à torcedora, por mais lento que seja. A questão é que ainda assim, atualmente, esse espaço é limitado e cercado de preconceitos.

Por meio das informações obtidas nos dois questionários aplicados com 32 voluntárias, concluiu-se que as mulheres torcedoras se sentem intimidadas pelo universo masculinizado do futebol. Um exemplo disso é a necessidade de muitas torcedoras irem ao estádio somente se acompanhadas de algum homem. Palavras como machismo, preconceito e assédio foram recorrentes nas respostas, o que comprovou a existência de um medo constante e de uma insegurança das mulheres em relação a possíveis violências e intimidações causadas pelo público masculino.

Além disso, a pesquisa concluiu que para as torcedoras atleticanas pesquisadas, torcer pelo seu time é uma questão de sentimento que transcende o resultado da partida em si. Afinal, o futebol e o torcedor brasileiro possuem uma relação intensa, por isso ir ao estádio torcer pelo seu time é uma opção de lazer frequente mesmo que o jogo não tenha correspondido às expectativas do torcedor. Portanto, as torcedoras participantes podem ser caracterizadas como torcedoras fiéis ao seu time e participativas mesmo diante dos desafios de ser mulher dentro de um estádio.

No que diz respeito à Arena Independência, o relacionamento entre torcedora e arena não está tão prazeroso quanto possivelmente já foi, pois diversas reclamações e críticas foram relatadas na pesquisa, além de um índice considerável de insatisfação. Isso pode ser explicado, pois os primeiros jogos do time na arena construíram resultados positivos, mas vale lembrar que com o tempo, o elenco mudou, os adversários mudaram, a administração do clube mudou, entre outros fatores. Sabendo que há o projeto de construção de um estádio pertencente ao Clube Atlético Mineiro e que a Arena Independência, na verdade, pertence ao América, as cobranças externas e internas para que essa relação seja positiva podem ter diminuído, e então se tornou uma preocupação a menos para a diretoria do clube ou para os responsáveis pela Arena.

## REFERÊNCIAS

MENDES, B. G. **Flávias, Fernandas e Marias, sem chuteiras**: a inserção de mulheres em Torcidas Organizadas de Futebol em Belo Horizonte/MG. Belo Horizonte: FAFICH, UFMG, 2015.

SILVA, S. R. **Levantamento da produção acadêmica sobre o futebol nas ciências humanas e sociais de 1980 a 2007**. Belo Horizonte: EEEFTO, UFMG, 2009.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Bookman Companhia Editora, 2004.

BONFIM, Aira; MORAES, Carolina. Mulher no Futebol: no campo e nas arquibancadas. *In*: STEFANO, Daniel; MENDONÇA, Luiza (orgs.). **Direitos Humanos no Brasil 2016**. Relatório da Rede Social de Justiça e Direitos Humanos. São Paulo: Editora Outras Expressões, 2016. Disponível em: <<http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/mulher-no-futebol-no-campo-e-nas-arquibancadas/>> Acesso em 05 abr.2018.

COSTA, Leda M. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. **Esporte e sociedade**, n.4, p1-31, 2007.

LUDKA, Menga; ANDRÉ, M. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

CAMPOS, Priscila A.F. **Mulheres torcedoras do cruzeiro esporte clube presentes no Mineirão**. Dissertação de mestrado UFMG, 2010, Belo Horizonte.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

MENDES, Bárbara G. **Muito além da jabulani**: o futebol e a violência contra as mulheres. Belo Horizonte, 2016. Disponível em <http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/muito-alem-da-jabulani-o-futebol-e-as-violencias-contra-as-mulheres/>. Acesso em 04 abr.2018.

LUCCAS, Alexandre N. **Futebol e torcidas: um estudo psicanalítico sobre o vínculo social.** PUC, São Paulo, 1998. Disponível em: <<http://www.laboep.uff.br/acervo/monografias-dissertações-tese/memoria-sociabilidade-e-identidade/109-futebol-e-torcidas>>. Acesso em 04 abr.2018.

CAMPOS, Ana. **População brasileira é formada basicamente de pardos e brancos, mostra IBGE.** Disponível em:<<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2017-11/populacao-brasileira-e-formada-basicamente-de-pardos-e-brancos-mostra-ibge>>. Acesso em 05 set.2018.

CAMPOS, P.A.F; SILVA, S. R.; AMARAL, S. C. F. **Tradição e modernidade no 'novo' Mineirão.** Esporte e Sociedade, v. 1, p. 1-15, 2014.

DIBRADORAS, **Violência contra a mulher nos estádios:** está na hora dos clubes agirem. Esportes Uol, postado em 13/03/2018. Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2018/03/13/violencia-contra-a-mulher-nos-estadios-esta-na-hora-dos-clubes-agirem.htm>>. Acesso em 3 out.2018.

TEIXEIRA, I.O; SILVA, M.A.R. **O preconceito de gênero no futebol brasileiro pela ótica do The New York Times.** Temática, UFPB, junho 2018.

NICÁCIO, L.G. **O torcer no futebol como possibilidade de lazer e a educação física escolar.** GEFUT, UFMG, 2010.

AQUINO, J. N. Q. **O torcer no futebol como possibilidade de lazer e vínculo identitário para torcedores de América-MG, Atlético-MG e Cruzeiro.** UFMG, 2017.

LAGES, C.E.M; SILVA, S.R. **Futebol e lazer: diálogos e aproximações.** *Licere*, Belo Horizonte, v.15, n.1, mar/2012.

ESCHER, T.A. **O futebol (tel)espetáculo como lazer:** um exame sobre as manifestações do futebol brasileiro. Unicamp, 2007.

SCHETINO, André. **A Copa do Mundo de 1950 no estádio Independência**. Disponível em: <<https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/a-copa-do-mundo-de-1950-no-estadio-independencia/>> Acesso em 01 nov.2018.

GOMES, L.C. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. UFMG. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 1, n.1, p.3-20, jan./abr. 2014.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005.

MASCARENHAS, G. Não vai ter arena: futebol e direito às cidades. **Revista Advir**, Ed. 32. Universidade estadual do Rio de Janeiro, julho 2014.

OLIVEIRA, M. D. **O Clube Atlético Mineiro e a estratégia virtual**: como os atributos da internet com suas novas mídias sociais são utilizados pela assessoria de comunicação. Faculdade de Comunicação Social. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2013.

LADEIRA, F. T. **A criminalização das torcidas organizadas de futebol**. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009.

MAPAS e estatísticas. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/estatisticas-e-indicadores/downloads>>. Acesso em: 17 set.2018.

**APÊNDICES**

## APÊNDICE A

**Formulário sobre o perfil socioeconômico do voluntário:**

Região onde mora:

- Noroeste             Nordeste             Oeste             Leste  
 Centro-sul             Barreiro             Venda Nova              
Pampulha             Outra Cidade.

Faixa etária:

- 18 a 29 anos             30 a 39 anos             40 a 49 anos  
 50 a 59 anos             acima de 60 anos

Escolaridade:

- Ensino Fundamental Incompleto             Ensino Superior Incompleto  
 Ensino Fundamental Completo             Ensino Superior Completo  
 Ensino Médio Incompleto  
 Ensino Médio Completo             Pós-graduação

Em relação a cor da pele, você se considera:

- Branco             Preto             Pardo             Amarelo (oriental)  
 Indígena

Renda Mensal média do seu grupo familiar:

- 0 a 1 salário mínimo  
 1 a 5 salários mínimos  
 5 a 10 salários mínimos  
 mais de 10 salários mínimos

Orientação sexual:

- Homossexual  
 Heterossexual

Bissexual

Estado civil:

Casada       Solteira       Divorciada        
Viúva       Outro

Possui filhos:       Sim       Não

## APÊNDICE B

### **Questionário para análise principal:**

- Porque você torce pelo Atlético e desde quando?
- Com que frequência você vai aos jogos?
- Quais são os limites e dificuldades encontradas no contexto do futebol? E no estádios?
- Quando vai ao jogo, você vai acompanhada? Se sim, com quem?
- Você considera a Arena Independência adequada para os jogos do Atlético?
- Comentários

## APÊNDICE C

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido:**

Pesquisa: Análise da relação das torcedoras do Clube Atlético Mineiro com o clube e com a Arena Independência.

Pesquisadora: Amanda Maria Ramos Lopes

Eu, \_\_\_\_\_, RG:

concordo em participar da pesquisa respondendo um formulário com questões objetivas e um questionário com questões discursivas, além deste termo. Minhas respostas poderão ser armazenadas durante um ano pela pesquisadora para conclusão da pesquisa. Estou ciente de que minhas respostas serão analisadas para estabelecer relações da torcedora atleticana com o clube e com a Arena Independência.

É assegurado que meu nome e qualquer outro identificador não serão divulgados. Reconheço que posso desistir da minha participação mesmo depois de ter respondido o formulário e questionário. Portanto, estou ciente da minha participação voluntária e é consentida a publicação posterior dos resultados sem minha identidade no trabalho de conclusão do curso da pesquisadora.

Belo Horizonte, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

Assinatura da voluntária:

Assinatura da pesquisadora: